

Sucesso de público e crítica na Europa, Arnaud Desplechin recebe prêmio honorário na Itália, no Festival Laceno D'Oro, por seu histórico autoral com o folhetim

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Sinceridade é a matéria que sustenta os personagens do diretor francês Arnaud Desplechin, vide sucessos como “Os Fantasmas de Ismael”, atração de abertura do Festival de Cannes de 2017, hoje no ar no streaming Reserva Imovision e na MUBI. Sincero é seu olhar sobre a arte, sintetizado num desabafo ao Correio da Manhã: “Adoro chorar”.

É com essa frase que ele justifica seu encanto por histórias de amor descabeladas que filma de um jeito peculiar: é sempre palavroso, faz evasões ultrarromânticas no tempo, mas é cauteloso para jamais elevar o nível de sacarose de suas tramas ao excesso. Seu estilo é classificável na ótica brasileira como “melodrama mauricinho”.

O que o cineasta nascido em Roubaix, há 64 anos, fez de mais potente desde sua estreia, em 1991 (com “La Vie Des Morts”), integra a retrospectiva de sua obra no Festival Laceno d'Oro, em Avelino, na Itália, onde receberá um troféu honorário pelo conjunto de sua carreira. No sábado, ele ministra por lá uma masterclass sobre seu método de dirigir consagrado com sete indicações à Palma de

O rei do melodrama mauricinho

Gari Garaialde/SSIFF



O Festival Laceno d'Oro, na Itália, consagra Arnaud Desplechin com troféu honorário

O Oscar do Velho Mundo

Enquanto Arnaud Desplechin estiver recebendo sua honraria no Laceno d'Oro, outro território daquele mesmo continente, a cidade de Lucerna, na Suíça, estará sediando a entrega anual do European Film Awards, espécie de Oscar do Velho Mundo.

Curiosamente, os longas com mais indicações são ambientados em países da América do Norte: “O Quarto Ao Lado”, do espanhol Pedro Almodóvar, e “Emilia Pérez”, do francês Jacques Audiard. Ambos têm quatro indicações cada, compartilhando favoritismo sobretudo na categoria Melhor Atriz.

A estrela de Audiard é a espanhola Karla Sofia Gascón e a diva da vez de Almodóvar é a inglesa Tilda Swinton. Badaladíssimo em terras hollywoodianas no momento, o thriller iraniano “The Seed of the Sacred Fig”, de Mohammad Rasoulof, entrou no páreo por



Divulgação

Karla Sofia Gascón abre um debate sobre a cultura trans em ‘Emilia Pérez’

ser coproduzido pela Alemanha, onde seu realizador se encontra exilado. Entre os candidatos à láurea de Melhor Ator, o britânico Ralph Fiennes dispara como favorito por “Conclave”, no papel de um cardeal que conduz a eleição pelo próximo Papa. Seu maior rival é o 007 Daniel Craig, em luminosa atuação em “Queer”, como um imigrante americano gay em curso por terras latinas. (R. F.)

Ouro, uma láurea de melhor documentário em Veneza (dada a “L'aimée”, em 2007) e o Prêmio SACD da Quinzena de Cannes, confiado em à sua obra-prima, “Três Lembranças Da Minha Juventude” (2015).

“Não sigo hipóteses, sigo desejos, por isso a base de um bom melodrama é: a) a certeza de que não existem respostas para a dor; e b) a busca por uma trilha de descarrego para o ódio que ronda os protagonistas. Aprendi isso na telona. O que faz de mim um típico cinéfilo francês é o amor que tenho pelo cinema americano. Foi com Hollywood que aprendemos a amar o cinema sobre todas as coisas e criar o nosso modo de rever o que eles mostram em seus filmes mais autorais”, disse Desplechin ao Correio no Fórum Rendez-Vous Avec Le Cinéma Français, em Paris. “Talvez eu tenha o meu jeito de filmar, mas o que sei conscientemente dele é o fato de ver cada ator ou atriz como uma incógnita a ser desbravada, pois cada estrela me abre uma pergunta. Por exemplo, Marion Cotillard, com quem filmei ‘Briga Entre Irmãos’ há pouco tempo, tem uma capacidade única de humanizar tragédias”.

Experiência rara de Desplechin em língua inglesa, “Terapia Intensiva” (“Jimmy P.”, 2013), com Benicio Del Toro, pode ser vista hoje pela cinefilia brasileira na Amazon Prime. O longa faz parte da mostra em sua homenagem em Avelino, que projeta ainda seu título mais recente, o ensaio meio documental meio ficcional “Spectateurs!”, sobre a cultura das salas de exibição.

“É o meu momento Fellini, meu ‘Amarcord’ de memórias”, diz Desplechin. “A tela torna a minha vida maior”.